

## Resenha

### **Metodologia e Ciências Sociais** **Passo a passo de como fazer um projeto e uma pesquisa na área**

*Luís Eduardo Trajano\**

Resenha do livro: MOTTA, Luana Dias; ZANON, Breilla Valentina Barbosa (Orgs.). **Metodologia de Pesquisa em Sociologia: elaborando um projeto e realizando uma pesquisa**. São Carlos: EdUFSCar, 2024.

**M**ais um livro de metodologia? É com essa pergunta que o prefácio da obra *Metodologia de Pesquisa em Sociologia: elaborando um projeto e realizando uma pesquisa* se inicia. Ao aceitar o desafio de se inserir entre os inúmeros manuais dedicados à metodologia de pesquisa, observa-se como os oito docentes envolvidos, cada um responsável por um capítulo, e sob a organização das docentes Luana Motta e Breilla Zanon, propuseram-se a criar algo original em um nicho aparentemente saturado.

O livro é baseado em cursos ministrados no período da pandemia da Covid-19 no Brasil (2020-2022), quando o projeto da Sociedade Brasileira de Sociologia, intitulado “Aulas Abertas - metodológicas”, disponibilizou no YouTube aulas em formato digital sobre metodologias das ciências sociais, configurando um curso de extensão em formato remoto. Após perceber-se que os docentes ministrantes utilizavam material original, surgiu a ideia de compilar e publicar esse conteúdo em 2024, o objeto desta resenha.

O livro é dividido em duas partes: uma técnica, atenta a criação dos projetos de pesquisa, e outra teórica, que aborda as metodologias de pesquisa para as ciências sociais. Marcelo Kunrath Silva em *Recortando um tema, construindo um problema*; Fabiana Luci de Oliveira no *Como selecionar Metodologias?*; Eliane Maria Monteiro de Fonte em *Construindo Objetivos de Pesquisa* e Luiz Augusto Campos ao *Como fazer uma revisão bibliográfica?* apresentam a primeira parte. A segunda parte é composta por

Gabriel Feltran e os *Métodos Qualitativos e etnografia: um ensaio metodológico*; Rogério Jerônimo Barbosa na *A imaginação quantitativa*; Valéria Cristina de Oliveira em *Um caso e algumas notas sobre métodos mistos*; e Jakson Alves e Aquino com *R na pesquisa acadêmica*.

Esta resenha apresenta as ideias gerais e, de forma sistemática, demonstra a coerência interna da obra mais do que a exposição descritiva dos capítulos. Especificamente, expõe como fazer um projeto de pesquisa e destaca as inúmeras observações sugeridas sobre metodologia.

*Metodologia de Pesquisa em Sociologia* vai além da exposição neutra dos métodos de pesquisa das ciências sociais, sejam qualitativos ou quantitativos. Não é um livro de “receitas prontas”, mas que contextualiza a elaboração do projeto dentro do ambiente social e acadêmico, bem como observa as questões de ordem pedagógica, epistemológica, ontológica: os tipos de objetos da sociologia ou como se insere tal ciência na sociedade que propõe analisar, pois a pesquisa é eminentemente uma “prática de pesquisa plural” (p. 49), isto é, coletiva.

Quanto à confecção da investigação científica em si, defende-se que a pesquisa em sociologia se repete ao longo de seis passos cíclicos: formular o problema (1), revisar a literatura (2), selecionar o método (3), coletar os dados (4), analisá-los (5) e divulgar os resultados (6). Elas fazem parte de um *checklist* que responde a várias perguntas que norteiam a pesquisa.

A primeira é “o que pesquisar?” (p. 76), que envolve o recorte do objeto, a definição do problema e a geração de hipóteses que respondem ao problema temporariamente, sendo este o ponto de referência da consistência de toda a pesquisa. A segunda é “para que pesquisar?” (p. 76), que indica o que se quer provar e os objetivos da pesquisa. Já “por que pesquisar?” (p. 77), remete à relevância social e acadêmica da pesquisa, essencial para conseguir financiamentos e justificar a necessidade pública do estudo. As perguntas “como pesquisar?”, “por quanto pesquisar?” e “com que recursos?” referem-se, respectivamente à aproximação dos dados e sua interpretação, às etapas cronológicas da pesquisa para a investigação e aos recursos

financeiros/materiais para a confecção da pesquisa. Já “a partir de que fontes?” diz respeito à discussão teórica e à revisão de literatura do tema de pesquisa, bem como à inserção acadêmica da pesquisa em um campo preexistente e consolidado.

Neste caso, são apresentados três tipos de pesquisa: exploratória, descritiva e de verificação de hipótese causal. A verificação de hipótese causal faz o papel de vanguarda porque a exploração de um campo é a pesquisa que exige planejamento e criatividade, pois trata-se “de observar, de escutar e de descobrir novas maneiras de abordar o problema, de desenvolver métodos a serem empregados em um estudo mais aprofundado e construir instrumentos mais elaborados de pesquisa” (p. 79). As descritivas “utilizam-se de técnicas padronizadas de pesquisa para a exposição de características de um dado fenômeno” (p. 80). A explicativa, ou exploratória, busca as causas de um fenômeno. Porém, estes são tipos puros e pode haver pesquisas que transitam em várias direções impuras.

O conhecimento científico é construído coletivamente, marcado pelo diálogo e pelas trocas intersubjetivas. Fazer uma pesquisa é participar das conversas que atravessam diferentes instituições e gerações, criando o conhecimento lentamente, por fragmentos ostensivamente discutidos, revisados e, finalmente, lidos de forma crítica, em que os livros, artigos e afins, feitos de forma criativa, são respostas de uns aos outros (p. 26). O pesquisador alinha sua pesquisa àquelas já em andamento.

A pesquisa também tem duas etapas principais. No planejamento há “a escolha do quadro teórico-conceitual, a formulação da hipótese, a escolha das fontes de dados, a seleção dos métodos de obtenção e análise de dados, a definição da população (e, eventualmente, especificação dos parâmetros de construção da amostra ou do corpus da pesquisa)” (p. 47). Já a execução envolve duas etapas: a) a implementação do plano e análise de dados, ou seja, a realização do campo, a sistematização e análise dos dados obtidos; e b) a comunicação dos resultados, via construção da argumentação e publicização dos resultados da pesquisa.

A melhor forma de expor um problema é pela análise das discussões em andamento e que consiste em “identificar e explicitar desconhecimentos ou ignorâncias, possibilitando assim a produção de novos conhecimentos que complementam ou transformam o conhecimento prévio” (p. 35)”. Isso consiste em construir o problema pela escolha do tema e a partir da revisão bibliográfica.

Ao se deparar com algo que possa ser adicionado às discussões preexistentes, temos a lacuna. Nela questiona-se a sua extensão, generalização e aplicação a contextos não originalmente abordados no momento da confecção de sua teoria, ou a criação de “alternativas teóricas mais adequadas” (p. 40). Por essa lacuna, há oito tipos de identificação de problemas, organizados que se resume ao teste empírico de hipóteses que ainda não foram testadas e a revisão do modelo teórico explicativo subjacente a essas hipóteses e seus testes empíricos, isto é, o arcabouço teórico da pesquisa prática.

Embora seja importante a inicial delimitação do tema e das hipóteses, ficando a concepção dos objetivos e métodos como segunda etapa, há de se dizer que é salutar fazer a revisão bibliográfica e planejá-la concomitantemente à formulação do problema de pesquisa para não se correr o risco de plágio e/ou de o projeto ser pouco inovador, pois tais pesquisas “chegariam a resultados banais e óbvios” (p. 88), ou responderia a “uma pergunta que já foi plenamente respondida” (p. 91).

A revisão é realizada em seis etapas:

- (1) a formulação da pergunta de pesquisa;
- (2) a definição dos termos de busca ou palavras-chave;
- (3) a busca efetiva em plataformas específicas;
- (4) a catalogação e o gerenciamento das referências bibliográficas encontradas;
- (5) os parâmetros para a leitura dos textos;
- (6) a redação final do balanço bibliográfico.

Essa delimitação do problema de pesquisa permite buscar textos específicos para a execução da pesquisa por meio de palavras-chave, bem como pelas intersecções entre elas, a fim de identificar textos de leitura prioritária e catalogá-los. Para isso, usam-se os operadores *booleanos*: “and” ou “e”, “or” ou “ou”, “not” ou “não”. Isso evita o pesquisador ser “soterrado por centenas de textos cuja leitura integral é humanamente impossível” (p. 97).

A revisão bibliográfica observa três tipos:

a) Sistemática: identificação dos textos que a torna replicável, para que o leitor, se desejar, possa repetir os mesmos passos e chegar ao mesmo resultado;

b) Meta-análise: integra produções menores em um estudo mais amplo. Por exemplo: reunir pesquisas sobre o impacto da COVID-19 em pequenas regiões e integrá-las em um estudo maior sobre o Brasil;

c) Revisão de escopo: mapear a área de investigação e o que está sendo dito sobre ela. Por exemplo: o que se diz sobre Durkheim no Brasil? O que estão pesquisando sobre ele? Pesquisam a religião, o método, o suicídio?

Só depois de delimitado o tema, a revisão bibliográfica, o referencial teórico, o problema e a lacuna, recomenda-se partir para a metodologia de pesquisa e do objetivo geral. Aqui, o que se deseja fazer já está suficientemente delineado e tem algo a contribuir para um determinado campo sociológico. Se a delimitação do tema e das hipóteses recorta o objeto que se quer conhecer, a metodologia organiza a forma de se aproximar desse objeto, bem como o caminho em etapas para se chegar aos resultados desejados.

Assim, os elementos metodológicos necessários para a constituição da pesquisa científica são o corpo conceitual e teórico que explicam o objeto: o fenômeno social e seus fatos que se pretende explicar e o método: o caminho para conhecer o objeto e então “construir conhecimento” (p. 71). Por esses motivos, a metodologia e o desenho de pesquisa devem estar alinhados aos objetivos gerais e específicos, que por sua vez, visam contribuir para a

lacuna e problema de pesquisa identificados. A metodologia é condicionada determinadamente pela natureza das perguntas levantadas nos temas, problemas e hipóteses, pois há uma pluralidade de métodos possíveis, cada um com pontos fortes e fracos a serem ponderados. Para Fonte (2024), são quatro os critérios para guiar a escolha pelos métodos:

“1. A classe de proposições a descobrir; 2. O tipo de objeto; 3. O referencial teórico-conceitual; 4. Os recursos disponíveis”. Assim sendo, inicialmente se pensa o tema e o problema, e simultaneamente se pensa em uma teoria que os torne inteligíveis, além dos meios para se aproximar do objeto. Se os dados que são “elementos de informação sistematicamente obtidos, que podem receber categorias (qualitativas) ou valores (quantitativos)” (p. 49).

E então os métodos, transitivamente, recebem as mesmas categorias: métodos quantitativos, qualitativos ou mistos. Cada dado tem seu caráter próprio onde o qualitativo é “semiestruturado, voltado a descrições detalhadas de características, casos, configurações, comportamentos e identificação de mecanismos” (p. 49), enquanto os métodos quantitativos são “fechados, estruturados, rígidos, voltados a incidência, padrões gerais e predição” (p. 49).

A abordagem quantitativa apresenta dados numéricos para construir um quadro panorâmico, ideal para generalização e identificação de correlações e causais. Já a abordagem qualitativa é mais uma observação de primeira mão e, portanto, mais descritiva, ideal para elucidação de significados sociais compartilhados. A abordagem quantitativa é a mais apropriada quando se trata de identificar padrões, bem como testar teorias probabilisticamente, havendo poder preditivo. As principais vantagens da abordagem quantitativa são: a capacidade de generalização, um maior controle das estimativas de efeito e dos erros. Suas principais limitações são a onerosidade e a maior rigidez dos métodos. A abordagem qualitativa é mais apropriada para objetos voltados à interpretação de significados e aperfeiçoamento de teorias. Suas principais vantagens são “a possibilidade de estudar temas e aspectos pouco conhecidos, construir e refinar hipóteses, ser menos rígida e pouco onerosa. Já as desvantagens são o menor alcance e

controle de estimativas de erro e a limitação quanto à generalização” (p. 57). Embora haja uma natureza eminentemente qualitativa na etnografia e quantitativa na estatística e mista na análise documental, é possível utilizar um método qualitativo em um delineamento quantitativo e vice-versa. Um exemplo (p. 56) é o da aplicação de um questionário com perguntas qualitativas, mas com análise estatística das respostas.

O quantitativo, referindo-se ao atributo do objeto e não ao método, possui três pilares: as tendências, o caminho que uma variável tende a seguir; variações, o quanto elas destoam das médias; e as correlações, que são relações de causalidade entre variáveis. O “quantitativo, por outro lado, ainda sob influência da concepção moderna de método hipotético-dedutivo, guarda expectativas de identificar, por meio da técnica ‘adequada’, as respostas mais objetivas às perguntas e hipóteses que norteiam o trabalho” (p. 176). A abordagem quantitativa exige entendimento da lógica de programação e da estatística, utilizando-se, para isso, ferramentas como o R.

A identificação de variáveis e suas relações lida com fenômenos causais em que duas variáveis, A e B, aparecem juntas. Muitas vezes A é causa de B, mas a correlação não implica causalidade. Assim, a relação pode ser contingente ou ter causa em C não explícita. Por exemplo: no verão, mais pessoas se afogam e também compram mais sorvetes. As pessoas se afogam por que tomam sorvete? Não. No verão, as pessoas vão à praia, às piscinas, a balneários, a rios, a lagos, o que aumenta os afogamentos, e, pelo calor existente, consomem sorvetes. Os aspectos importantes na estatística são a média, a variância e as medidas de dispersão e homogeneidade entre variáveis.

Quanto à abordagem qualitativa, “devemos passar por três universos: a observação, a entrevista e a coleta documental” (p. 117). A observação participante capta o ambiente; a entrevista, compreende as visões dos frequentadores; e a coleta documental, organiza o material relevante. Como não há superioridade entre abordagens, pois tratam diferentes formas de interpretação e coleta da realidade, sua combinação é

proveitosa para pluralidade de visões, diferentes níveis de explicação e comparações. A adoção de multimétodos preza pela complementaridade e considera o desenho da pesquisa nos seguintes termos: a) da finalidade do estudo; b) da técnica com mais centralidade; e c) da sequência de aplicação dos métodos.

O livro não esgota o tema, mas é uma excelente introdução para discentes que ainda não tiveram contato com a literatura metodológica na graduação, docentes em busca de material de apoio, ou para graduandos que visam elaborar pré-projeto para ingressar na pós-graduação. Portanto, constitui um excelente material pedagógico e reflete o sucesso dos cursos remotos que originaram a obra.

**\* Luís Eduardo Trajano** é Graduado em Ciência e Tecnologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2019). Licenciatura em filosofia pela UNOPAR (2023) e em história pela UNOPAR (2023). Licenciatura em andamento em Geografia pela UNIASSELVI. Licenciatura em andamento em sociologia pela UNIASSELVI. Mestrado em andamento em Ciências Sociais pelo PPGCS da UFRN.

**Contato:** [luis.trajano.016@ufrn.edu.br](mailto:luis.trajano.016@ufrn.edu.br)

**Lattes:** <https://lattes.cnpq.br/8184539426019565>

**Orcid:** <https://orcid.org/0009-0004-2467-1092>

Resenha recebida em: 20/08/2025

Aprovado em: 11/11/2025

Como citar este texto: TRAJANO, Luís Eduardo. Metodologia e Ciências Sociais: passo a passo de como fazer um projeto e uma pesquisa na área. **Perspectivas Sociais**, Pelotas, vol. 11, nº 02, e1129819, 2025.